

# o repórter.

Semanário  
das grandes reportagens

19 de Fevereiro de 1932

Preço: 1 ESCUDO





**PIM!**  
**PAM!**  
**PUM!**

A REVISTA, QUERIDA DE  
TODO O PUBLICO FROS-  
SEGUE NA SUA GLORIOSA  
CARREIRA NO THEATRO

**MARIA VITORIA**  
**TODAS AS NOITES**

**A's 8,30 e 10,30**

**“GARANTIA”**

COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Es. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927  
Esc. 6-611.361\$33

Os segurados da “GARANTIA” devem  
ter sempre em vista que a nenhuma outra  
Companhia lhes pode oferecer maiores  
vantagens: o seguro de vida obedece á  
matemática e esta é uma só. O que os  
segurados devem exigir é donde se  
dá Com anhia, e, neste ponto, a “GA-  
RANTIA”, tem a escudá-la o seu passado.

SÊDE

Rua Ferreira B 1get, 37—PORTO  
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14  
Casa Bauzarria Souza, Cruz & C.a, L da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Juliano, 63 a 71  
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas  
que lhe têm impingindo para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto á sua bolsa... Mostre que  
é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empregam nos seus magni-  
ficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

**K O M O L**

KOMOL, de pondo de 18 cores á sua escolha desde o Preto ao  
Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxilio de ninguem,  
resultar a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles,  
ficam macios, soltos e brilhantes, ninguem conhecendo que  
foram pintados.

**CAIXA 25\$00**

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CA-  
B AL.—R. Cam lo Castelo Branco, 20 Telefone N. 3831.—  
Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —  
Telefone 2.1415 — Agente no Porto — A. QUADROS Jor. — R. de  
Trar, 7, 2.º — Telef. 87

**ESPECTACULOS**

**Cartaz de Lisboa**

TEATROS

*Trindade*—A's 21 e 30—«O Aldra-  
bão».

*Politeama*—A's 21 e 30—«A me-  
nina do côro».

*Maria Vitoria*—A's 20 e 30 e 22  
e 30—«Pim! Pam! Pum!»

*Variadas*—A' 20 e 30 e ás 22 e  
30—«O Mexilhão».

*Capitolio*—A's 20 e 30 e 22 e 30  
—«Lua de mel».

CINEMAS

*São Luis*—A's 21 e 15.

*Tivoli*—A's 2 e 15.

*Odeon*—A's 21 e 30.

*Olimpia*—Das 14 e 30 ás 24.

*Royal Cine*—A's 21 e 30.

*Cine Palacio*—A's 21 e 30.

*Condes*—A's 21 e 15.

*Central*—A's 21 e 30.

*Chiado Terrasse*—A's 21.

*Salão Ideal*—A's 18.

*Palatino*—Rua Filinto Elisio, a San-  
to Amaro.

*Campolide Cinema*—Espectaculos.

*Paris-Cinema Sonoro*—R. Domini-  
gos Sequeira.

*Europa Cinema*—R. Almeida e  
Sousa—A's terças, quintas, sabados e  
domingos.

*Belgica Cinema*—A's 20 e 30—  
Rua da Beneficencia—Quartas e Domini-  
gos.

**Cartaz do Porto**

TEATROS

*Rivoli*—A's 21 e 30.

CINEMAS

*Águia d'Ouro*—A's 21 e 30.

*Trindade*—A's 21 e 30.

*Olimpia*—A's 21 e 30.

*Batalha*—A's 21 e 30.

*Passos Manuel*—A's 21 e 30.

**Cartaz de Coimbra**

CINEMAS

*Avenida*—A's 21 horas—Sonoro.

*Tivoli*—A's 21 h. e 15.

**Grande Hotel da Batalha**

**Sociedade Exploradora do Grande Hotel da Batalha**

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

TELEFONE, 1247

**Praça da Batalha — PORTO**

**Um dos mais bem situados do Porto**

**Perto dos Correios e Telegrafos—Electricos para todos os pontos da cidade**

Completamente modernizado.—Primoroso serviço de mesa.—Esplendida sala de jantar.—Banhos.—Água em todos  
os quartos.—Espaçosa sala para grandes banquetes.—Almoços e jantares.—Preços módicos para familias  
e pensionistas.—Telefone para toda a rede do Paiz.

**Administrador: MANOEL CAETANO FERRAZ**



# Homens & Factos do Dia

## O snr. «Maciá, príncipe de Andorra...»

OS leitores conhecem, pelo menos de ouvido, a República de Andorra. Encravada entre a França e a Espanha, e sôbre o protectorado, mais do que isso, sôbre a protecção de ambos os países, é a mais pequena nação do mundo, não indo a sua população muito além de 5.000 habitantes. Pois êste pequeno país, quasi ridiculo pelo seu tamanho,— embora as nações como os homens se não meçam aos palmos, e disse Portugal é um exemplo—é Andorra, iamos dizendo, que está segundo afirmam, pondo em risco a precária paz do mundo, e fazendo agitar até ao rubro a política do país visinho. E porquê? Por motivo dum gesto de generosidade e



filantropia de Maciá, o novo ditador da Catalunha — que a Espanha é e será sempre o país das ditaduras e dos ditadores — que foi mal interpretado e está sendo explorado, embora sem razão e sem lógica, pelos jornais das direitas que acusam o senhor Maciá de nada menos do que de se querer fazer rei de Andorra e da Catalunha. O A B C, órgão monárquico de Madrid que devia bater palmas de contente, pois seria a existência de mais uma monarquia no mundo, quando elas tanto vão escasseando, afirma-se no seu número de 3 do corrente «preplexo e atônito» porque o snr. Francisco Maciá enviou 16.000 pesetas para as escolas de Andorra, e que êste facto simples, que no nosso modesto entender, absolutamente desconhecedor dos complicados problemas internacionais, devia ser motivo para agradecimentos em qualquer época e em qualquer latitude, produziu entre os andorrianos um scisma que ameaça acabar em guerra civil. Uns repelem a dádiva como se ela lhes queimasse, e outros, pelo contrário, dizem que jamais a largarão nem que lhes cortem as mãos. Como em Andorra todos se conhecem e todos são parentes, o caso que em França, em Portugal, na China ou na Libéria seria uma discussão de horas,

é em Andorra uma questão nacional que pela primeira vez divide os naturais e ameaça separa-los em dois bandos que querem atacar-se e degladiar-se ferozmente.

Usando do seu poder de protector, que entre as nações significa o mesmo que tutor entre os homens, interveio conciliador, o presidente da Republica Franceza. Não há forças humanas que possam fazer voltar ao pequeno país o socêgo perdido. Os jornais espanhóis das direitas, querendo atacar a jovem republica que a tantos ataques tem resistido: emprestam à questão uma gravidade excepcional que ela não pôde ter, e quasi colocam em segundo plano a questão entre a China e o Japão. São claras as intenções do snr. Maciá segundo o A B C e o El Debate. «O snr. Maciá quer ser príncipe consoorte de Andorra!...»

Isto que não interessou a Espanha, e que ali não causou mais que um sorriso, e que muito menos interessa fôra dela, servê ás mil maravilhas para mostrar a fôrça da jovem republica, e quanto é difficil a monarquia ali voltar. Se assim não fosse valia a pena fazer política com semelhantes blagues? Se os monárquicos espanhóis tivessem a fôrça necessária para se enfrentar com os partidários das esquerdas, precisavam, por ventura, de inventar um conflicto internacional... com Andorra? E com Andorra, Santo Dens!... E para acreditarmos no conflicto tinhamos também que acreditar

que o snr. Maciá seria capaz de trocar a sua situação magnifica em Catalunha e em Espanha, que o torna árbitro da politica do país vizinho, por um principado nu n país de fadas, e para isso era preciso estar pelo menos louco. Mas não. O snr. Maciá não está louco, nem estão os seus inimigos políticos. Simplesmente a intriga dos monárquicos é a prova dos nove da fôrça da Republica.

COSTA JUNIOR.

# reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Chefe de Redacção  
**COSTA JUNIOR**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 28249 - LISBOA  
End. Teleg. : 1 EPJRTX - LISBOA

Composição e Impressão  
Tipografia das Publicações **aoz**  
Porto - Canele Velha 39

REÇJ DE ASSINATURAS

3 meses — serie de 12 numeros — Esc. 11\$50  
6 " " " 25 " " — Esc. 22\$50  
12 " " " 52 " " — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

O túmulo que encerra os restos daqueles para quem a morte foi sustenáculo de vida—mausoleu dos carrascos de Paris.

Em seu redor paira a sombra densa de mil e um enigmas,—côrvos de tragédias, sombrios de dôr.





# A nova espionagem alemã



A legação de Italia em Paris, onde foram roubados os documentos reveladores da nova espionagem alemã

O mundo vive hoje alarmado como nas vésperas de agosto de 1914. Se a mecha do Oriente atinge o explosivo a que está ligada—a explosão é infalível. A China—não haja ilusão—está apoiada ao exercito vermelho. Entrando a Rússia contra o Japão, a Inglaterra não pôde deixar de intervir, não por amor aos japonezes mas por defeza ao seu poderio em risco. A França, por essas e outras razões, cumprirá os seus deveres de aliada—indo com Inglaterra. A Italia que está muito mais harmonizada com a Rússia do que muita gente pensa e que não perdôa á França, não pôde agrupar-se com esta e como não pôde tão pouco perder o pretexto de uma guerra que ha tanto tempo busca—irá contra o Japão, contra a Inglaterra, contra a França, indo portanto a favor da China e em consequencia, com a Rússia. A Alemanha, que não perderá a oportunidade de uma *panache* irá com a Italia—irá com a China, irá com a Rússia. Os Estados Unidos, que podiam estabelecer um equilibrio—aliando-se contra o bolchevismo, que odeia—não levará esse odio até ao sacrificio de defender o Japão que é um inimigo muito mais enraizado do que a Rússia. Não direi que vá com a Rússia—mas a sua neutralidade obrigatoria é o bastante para agravar a situação—a não ser que o Mexico intervenha e os encolerise...

Uma carta recebida ha dias de Berdeus onde um filho dum portuguez, casado com uma dama franceza, se alistou voluntariamente no exercito—conta que nas casernas se viv: num ambiente de guerra; as fabricas estão sendo mobilizadas; que as oficinas do Estado, inactivas desde 1918, traham noite e dia fabricando obuses.

Será a guerra? E a Espanha? E nós?

Toda esta lenga-lenga vem a talho de foite a proposito de uma reportagem sensacional do

jornalista francez Jean Belleville. Revela ele que a espionagem alemã funciona actualmente, com maior intensidade que em 1914. Escutemol-o: «O Serviço Secreto» do Reichwehr funciona actualmente no Ministerio da Guerra, em Königin Augustastrasse, em Berlim. Os agentes multiplicam-se todas as semanas, recrutados entre os que deram melhores provas de 1914 a 18 e entre os *ineditos* que oferecem melhores garantias, aos chefes. A frente destes serviços encontra-se um grande organisador. O general Kurt von Schleider. Já durante a guerra ele prestou grandes serviços como... chefe de espíes. Os seus logares tenentes (para o elenco civil) é o general Groener, o tenente-coronel Ferdinand von Bredow e o capitão de fragata Konrad Patzig.»

O escandalo desta reportagem veio da queixa apresentada á policia franceza pela legação italiana em Paris—segundo a qual os seus escritorios tinham sido assaltados na noite de 12 para 13 de janeiro tendo os assaltantes levado varios *dossiers*. Ora essa queixa coincidir com as revelações de Jean Belleville e este não nega que foi na legação italiana que obteve essas informações visto que a espionagem alemã e italiana trabalham d'acôrdo sendo ambas ajudadas pela G. P. U.—ou seja pela espionagem de Moscow. O que a nós, portuguezes, interessa directamente é este detalhe do artigo de Belleville: «A organização de Schleider está dividida por zonas agrupando em cad. uma, tres e quatro países. Só a França, a Inglaterra, a Polonia e Portugal é que têm zonas especiaes e separadas.» A seguir, o reporter francez revela-nos os varios locais onde estão instaladas essas repartições de espionagem; e ao referir-se a Portugal diz: «Os segredos deste paiz estão entregues ao coronel Patzig, que tem como ajudante Narcial Yaguez (?)—um estrangeiro que merece

e o que faz o Departamento I-2 dedicado a Portugal?—Qual a razão porque a Alemanha se interessa pelos segredos do nosso paiz até ao extremo de lhe dedicar uma brigada de espíes?»

toda a confiança do Ministerio da Guerra alemão e que viveu muitos anos na Italia. E ao evocar as verbas que cada secção dispõe, acrescenta: «A verba estipulada para Portugal é superior á da Polonia sendo de: oitocentos mil marcos em 1931, foi aumentada para um milhão e quinhentos mil, na entrada do actual ano.

Esta quantia não será certamente consumida pelos gastos burocraticos visto que, além do chefe do departamento I. 2 (I, 1 reúne Espanha e algumas republicas sul-americanas); e I-2 é Portugal) em Kock-Sirassa, apenas lá trabalham uns dez ou doze individuos. Para onde irá o restante dessa verba? Quem a ganha? Como é distribuida?»



O capitão de fragata Konrad Patzig, chefe do Departamento I-2

## GUEDES DE OLIVEIRA

Morreu um dos maiores jornalistas de Portugal

A primeira vez que fui ao Porto, ha muitos anos, passeava pelas ruas como um *globe-trotter* que vagabundeia numa cidade inédita para os seus olhos e dentro daquele delicioso involucre que nos oferece a certeza de sermos completamente desconhecidos pela multidão. Entrei num café, como um viajante do Sahara repousa num oasis. Num meza proximo da minha abancava um sujeito edoso, de faces glabras,

olhos enormes dum expressão de vivza que, pelo contraste com a fadiga do rosto, davam de relance, a visão de dois balos negros... Eu tinha então 18 anos e era já um fanático pelos mestres da minha profissão. Reconheci logo aquele homem—como um dos jornalistas mais illustres da minha patria. Alvoracei-me numa tentativa de o abraçar e de expandir, nesse abraço, o unito que o venerava. Os nossos olhares encontraram-se.

Aco-ardei-me e embora já nessa época, tivesse ousado realizar entrevistas com individuos muralhados pela fama, senti-me, precisamente por se tratar dum jornalista, *dum mestre*—demasiado pequeno... Ma; advinhei que o olhar do mestre se fixava; e logo, escutei uma voz mui calma e cançada que me perguntava: «Perdoe-me... mas o senhor não é...?» E pronunciou o meu nome. Vira o

(Conclue na pag. 14)



## ONTEM E HOJE...

## Vive-se hoje mais anos do que se vivia antigamente

**Um estudo sensacional. — Como se vivia e quando se morria na civilização Romana, na Idade Média e na Renascença. — Os escravos de Roma e os heróis de Molière. — As doenças antigas e a ciência moderna**

CERTOS povos que se atrozaram no ritmo europeu, momificam-se num provincianismo fanático pelo passado — odiando, sem tréguas, o presente e o futuro. Para essa gente a civilização moderna, com os seus prazeres, comodidades, liberdades, garantias, avanços, distrações — encurta a existência do homem, gastando-os na juventude, envelhecendo-os precocemente, matando-os malatíngem, o meio dia da Vida. E logo evocam os seculosidos, os seus costumes monótonos, rígidos, desolados, conventuais gastando que nos dias de hoje os homens resistiam muito mais aos trabalhos e aos anos, nascendo e crescendo robustos, sãos, vigorosos e só morrendo de muito velhos! Era certo para perguntar se não lucraram mais vivendo pouco mas fazendo a vida mole na das grandes cidades — se vivem o muito, numa existência óscura, sem comodidade, nem alegria.

M. s. — para que é contestar com ironia — se podemos provar que na existência civilizada de hoje os homens duram muito mais anos do que nos séculos séculos isolados pelos catarras que sentem a fobia da civilização... que desconhecem?

Não podemos, de facto, preferir em que idade devem morrer os jovens que cantam actualmente 18 ou 20 anos — e que são mais beneficiados pelas vantagens indiscutíveis da civilização moderna dos que, nascendo antes e tendo aproveitado já alguns dos seus benefícios, não chegaram a tempo de gozar o que a post-guerra trouxe de útil à humanidade. Mas como a mais profunda divisa da história é marcada pela revolução de 1793 e, pôde afirmar-se, foi a partir desse ano que o mundo evoluiu para essa actual trajetória, progrediu mais cem e quarenta anos do que em oseto seculos — não é despropósito começar a exemplificação da nossa teoria de então para cá...

Mas antes de relançar a uma sterção pelas estatísticas modernas procuraremos no passado elementos para o contraste. Recuemos até a uma civilização antiga no grau correspondente à nossa época: a civilização romana, no período Césariano. Não herdamos dados oficiais que nos permitam um vasto estudo dessa época; mas dispomos de material informativo suficiente para nos orientarmos. O Dr.

Cabanès, que rondou com febril curiosidade todos estes assuntos, esculiu, com remes de romanos dessa época; seleccionados entre burguezes ricos, generais, artistas, literatos, senadores, homens de bom viver, que gressam do tido os ararços, comedidades e mifezas que a época lhes podia proporcionar e que se sujeavam. O Dr. Cabanès apenas deu preferência áccelles de que possuía dados biográficos até á morte, não incluindo na lista os que tiveram morte violenta. Dessa lista de cem homens — 20 morreram entre 25 e 30 anos; 18, entre 30 e 40; 50, entre 40 e 45; 5, entre 45 e 50; 5, entre 50 e 55; e apenas dois atingiram 60 anos e um passou essa idade, chegando aos 62!

Vamos focar a classe antagonica, a mais baixa da escala social — a dos escravos. Numa carta sobre Marc'gil, lê-se: «a sua fortuna de Marc'gil nasceu no trafico de eslavos — a que se dedicou na mocidade. Chegou a reunir duzentos homens num só barco e sabia escolher os mais jovens — porque é sabido, e só sabem até aos trinta anos; dos trinta aos quarenta não morrem o pão que comem — e poucos passam daquella idade.»

Na Idade Média, a melhor vida era, sem dúvida a do clero. De 1020 a 1112, pelo «L'Autu de S. Joseph» passaram 2307 religiosos, dos quais, 830 saíram, ignorando-se o seu fim e 8 foram victimas de d'astres e 1 morreu a um balido por um leuco. Dos 1468 restantes, cujos óbitos foram todos registados na «liro concção» pelo famoso fr. Claud Remy Frei «Blu», e que existe ainda no arquivo de documentos históricos de Dijon — 12 p. e faleceram antes dos 30 anos; 54 p. c. entre os 30 e 45 anos; 32 p. c. chegaram aos 50 e apenas 2 p. c. passaram dos 50 anos!

Lutando sempre contra a falta de estatísticas — guiado apenas por informações soltas e incómpetas pinçadas aqui e acolá, desejavamos encontrar, nos últimos séculos, algo que nos orientasse sobre a longitude das classes médias e plebeias. Em França, por exemplo, no século XVII, um *bourgeois* que atingiu 46 anos era considerado extraordinariamente robusto (*L'Infant Riche*, de Tretoire Rebeaux). Estudando as peças de Molière vimos que os seus mortos nunca passam os 50 anos — e a sua grande maioria fica entre os 35 e 40; e Molière, diz Coqueuteau e com razão, deixam-se hipnotisar pelos modelos reais até ao extremo de sacrificar a harmonia e a tecnica das suas obras — para obedecer, subconscientemente, á verdade que o inspirava. O plebeu inglês que morre mais velho na obra de Shakespeare — alcança apenas 51 anos — o autor comenta-o com esta frase: «A alma duraria mais se Deus, que o fez robusto, desse ao seu corpo forças superiores ás dos outros homens!»

Na História do Portugal — em que idade morrem as figuras de maior relevo? Entre os reis, mesmos os da 1.ª dinastia, se ha dois que não passam dos 50 e como Afonso Henriques, atingiu uma idade gloriosa — um grande número não passa dos 40 — como D. Afonso II, que acaba aos 37, como D. Fernando que se extingue aos 38.

Para confrontar os exemplos exibidos com os casos actuaes começamos por reunir com individualidades, ao acaso do século XIX e XX, artistas, escritores, generais políticos, cuja situação social e de fortuna e forma de viver se assemelha, tanto quanto possível aos *specimens* da civilização romana, já evocados. Eis o contraste obtido: dois morreram entre 25 e 30 anos (romanos 20); oito morreram entre 30 e 40 (romanos 18); dois, entre 40 e 45 (romanos, 50); trinta, entre 45 e 50 anos (romanos



Um specimen da civilização moderna: Leopold Kent, um dos mil e tantos centenários que vivem actualmente na Baviera

5); e enquanto entre os 100 romanos escolhidos apenas 2 atingiram 60 e um chegou aos 62 — a lista moderna dá-nos 5 falecidos entre 55 e 65 anos; e dez depois dos 65 entre os quas dois com 80 e um com 82!!! Os escritores e artistas cuja longitude contrasta com a dos romanos são Anatole France, Maupet e Octavio Mirbeau. A existência destes três homens não podia ser menos intensa do que a dos romanos escolhidos — e o contido Octavio Mirbeau fincou-se com 82 anos — Anatole com 78! Dos generais — basta citar Joffre, com 72. Dos políticos — Clémenceau, a mais agitada das vidas — morreu com 80! E o Dr. Bernardino Machado com mais de 80 não sônd como um jovem?

Uma estatística recente — italiana (a Itália é, depois da Rússia, o Austria e os Estados Unidos, o país mais multicolorado em estatísticas) dá-nos em 1929 as seguintes percentagens: Mortos com menos de 1 a 5 %; mortos entre 1 e 5 anos 6 %; entre 5 e 12, 5 %; entre 12 e 15, 8 %; entre 16 e 25, 8 %; entre 25 e 30, 12 %; entre 35 e 45, 18 %; entre 50 e 60, 28 %; entre 60 e 70, 9 %; com mais de 70, 5 %.

Conclue na pág. 15.



Um contraste eloquente: Einstein, specimen moderno; e um specimen do século XVI — Paulo Rosi



Lá e cá más fadas ha...

## O que é em Portugal o grande negócio do Foot-Ball



**Confrontos—Amadorismo e profissionalismo—A história progressiva do «football»—O negócio dos «azes» da bola—Alguns amadores do nosso «football»—Sabotagem e greve dos jogadores—A embaixada ao Brasil—O jogo Lisboa-Paris—O «desinteresse» dos alguns dirigentes—Um santo varão que é Barão da bola...**

da sobre a veracidade dos escandalos referidos, pasmando-se ante a possibilidade do esferico poder dar para tanta coisa e ainda sustentar um sem número de cavalheiros que passaram a fazer vida com os pés. Ora, no estrangeiro não é de admirar nem de pôr em duvida essas negociatas porque ali o «football» é uma industria ou um commercio que se exerce como qualquer outro, visto que os regulamentos da bola reconhecem o profissionalismo, tal qual como o teatro ou o cinema. O jogador de «football» faz um contracto com um grupo e mediante o pagamento de determinada importancia joga por esse grupo. Por sua vez os dirigentes dos clubs governam-se muito regularmente, recebendo igualmente os seus honorários. Poder-se-hão criticar os abusos do exercicio desse mister este é o termo melhor aplicado mas ninguem, em boa justica, deverá considerar uma regularidade a que se faça.

Nos paises como Portugal, de eufemismos e blagues, o escandalo, em materia do «football» é mais serio, porque a devoção, o prazer e a paixão são outras tantas tretas camoufladas por um amadorismo que só existe nos regulamentos, constantemente desmentido pela pratica e até de uma maneira assás pouco criteriosa. Os outros, os estrangeiros, ainda são profissionais de lardos e francos; os nossos são amadores voltados do avesso que recebem, no entanto, os os mesmos proventos e as mesmas regalias. E quando agrega até praticam a sabotagem, usam a greve e outros meios empregados nas lutas de reivindicações sociais. A «voluntariedade» dos seus desportos está, muitas vezes, na razão directa dos escudos que recebem.

Vem, pois, a proposito, em complemento do que já escrevemos sobre os escandalos do «football» internacional dar uma vista de olhos cá por casa para o prato da nossa balança de justiça manter o equilibrio da decencia.

### Como fot, entre nós, praticado o «foot-ball».

Nesta resenha não cabe a historia do progresso do «football», n'essa missão não nos compete. No entanto não cada e afeijrrsbd ueamé ilie rencia, para se estabelecer o confronto, sobre o «foot-ball» de ontem e de hoje, afim de se poder demonstrar que enquanto o foot-ball foi praticado por amadores autenticos, não foram possíveis escandalos ou por haver maior seriedade

de ou ainda por não ser tão lucrativa esta modalidade desportiva

Nos tempos distantes as entradas nos campos de «football» eram absolutamente gratuitas. Um grupo de ingleses empregados no cabo submarino, em Carcavelos, desenvolveram, entre nós, o gosto pelo «football» e os varios clubs, especialmente, o Sport Lisboa, hoje Sport Lisboa e Benfica, conseguiram, mercê de um esforço grande acompanhado de maior tenacidade enfrentar a sciencia dos nossos aliados e chamar aos campos centenas de pessoas. Os jogadores nesse tempo, não recebiam vintem quer pelo tempo que perdessem nos treinos, quer por qualquer deslocação, o amor pelo club e a paixão pelo «foot-ball» iam ao ponto de serem os proprios jogadores que transportavam ás costas da séde dos grupos para os campos de «football» que não eram vedadas, as balisas do jogo.

Os clubs viviam das escassas receitas das suas cotisações que mal lhe chegavam para pagar as despesas de instalação e conservação. Como as entradas não eram pagas não havia o bolo para distribuir por todos nem se vivia da bola, mas antes para a bola. Nessa altura existia devoção e amadorismo. Agora só ha interesse e negocio.

Regista-se o primeiro grande successo de «foot-ball»: o Sport Lisboa venceu, no campo do Benfica, o «team» dos ingleses de Carcavelos. E o «foot-ball» começa a ter categoria de internacional, enverniza as unhas, veste «smoking» e aparece-nos todo «high-life». Pensa-se na exploração da bola, a ideia das entradas pagas nos campos ilumina num sorriso de esperança os dirigentes da bola e daí para cá a mocidade desatou aos pontapés á atmosfera e a bola de trap» em forma cilíndrica que tem sido um louvar a Deus.

Ha cisões dentro dos clubs, constituem-se varios grupos, estende-se ao longe um panorama de «schools» que o dinheiro da «aficção» da bola vai sustentando. Depois vêm a organização genero sindicalista primeiro os grupos ou clubs, como contendam, criam-se a seguir nos varios distritos as associações de «football» coordenadoras da acção daqueles e depois por ultimo a Federação Portuguesa de Football Association, uma especie de C. G. T. dos sindicatos da bola...

O nosso «football» estava já internacionalizado, e filia-se na Federação Internacional de Football Association, cujas iniciaes, F. I. F. A., são autenticas filias...

(Conclue na pag. 15)

o predio da travessa da Gloria onde está a Federação Portuguesa de Football

**A** gente simples do povo crê que o «football», o mais popular dos desportos, o espectáculo publico que succede em «aficção» as touradas, é praticado entre nós como elemento de preparação fisica e, sobretudo, pela devoção de muitos apaixonados. e lamenta-se que as gerações se definem ingloriamente sem a menor selecção medica, sem os cuidados exigidos pela fisiologia e a cultura indispensavel á formação atletica, «schoolanço-se» desabridamente nos retangulos da bola sem outra finalidade que não seja a do praser e da paixão por esta modalidade desportiva. Numa epoca de materialismo como o nosso essa «devoção» causa arrepios, porque pouca gente comprehende neste quadrante da existencia humana, o amadorismo, ou em palavras mais claras: que a legião do «football» se esfalfe em corridas desordenadas sem ganhar vintem.

De maneira que quando se revelam os escandalos da bola como os que o Reporter X denunciou num dos seus ultimos números, há uma fase boquiaberta de interrogação e de duvi-



O «team» que foi a Paris, e do qual contamos acima as proezas e os negocios...



# A vida e a morte de Edgar Wallace

## O homem que viveu os seus romances extraordinarios

**M**ORRELI, ha dias, em Hollywood, um homem cuja existencia ultrapassou, em folhetinismo e dinamica, os herois mais inquietos e fantasticos dos seus muitos romances, novelas, dramas, contos, comedias e films: o escritor inglez Edgar Wallace. Depois de Alexandre Dumas não appareceu, na literatura de imaginação, um escritor mais fecundo, mais suggestivo, que soubesse melhor apaixonar o publico, obsecar-lo, como ele. E tanto assim que quando, nos finais de 1930, a reportagem me levou mais uma vez a Londres, a ideia que me alvoraçou, me enervou, ao partir numa agitação de creança ante a eterna «boite á surprises» era a de conhecer, falar, ao autor do *Forny Just Men*—ouvi-lo, penetrar no misterio do seu laboratorio, no segredo da sua intensidade como se em vez de um escultor celebre com o tenho conhecido tantos se tratasse de um deus descido do Olimpo.

Recordo-o como se fôsse ontem—alto, forte, duma robustez sem exagero, dum chiquismo ajanotado, meticuloso, cheio de detalhes, com algo mui ajanotado de novo rico recebendo-me em robe de chambre teatral, escañoado até a derme, os cabelos alvissimos, acamados, «póumadés» formando como que um casco de prata sobre um rosto jovem, sem uma ruga, iluminado por uns olhos claros, enormes, faulhantos; e fumando sempre através de uma longa e pretenciosa boquiha de «papillon de cabaret» com que êle (outro sintoma do seu novo-riquitismo) se fotografava sempre para apparecer nas capas dos livros, nos artigos dos jornais, nos cartazes dos teatros e dos cinemas, da laia do «ex-libris» ou de «marca-registada».

Era impossivel viver uma hora em Londres—sem que o nome de Edgar Wallace não nos assaltasse, não invadissem o nosso olhar, que se instalasse no nosso espirito, intrigando-nos ou preocupando-nos. Não havia um livreiro, dos mais graves e luxuosos de West Sud aos mais modestos «quiosques de gare» em que a maioria dos volumes expostos não fôsem de Edgar Wallace. Não era facil fixar a atenção nos cartazes dos espectaculos londrinos—sem lêr cinco, seis vezes, o nome de Edgar Wallace, chancelando dramas, comedias ou films cinematográficos. Nunca folheei um jornal, uma revista, um magazine inglez sem que não fôsse, em consequência directa, obrigado a recordar-me de Edgar Wallace—já porque assinava um artigo, um conto, uma novela; já porque invadia todas as secções, a dos «sports», a das modas, evocando teorias novas ou «toilettes» inedidas das suas personagens femininas. Até sobre anuncios transbordava a sua firma—citado no reclame de todos os artigos, citando-o como principal e sa tisfeito cliente desta marca de escovas de dentes ou daquela fabrica de automoveis. Para se ter a visão da vida deste homem extraordinario—basta desenhar o grafico da sua organização. Edgar Wallace tinha varias residencias. Uma nos arredores de Londres—para os «Week End»; outra na Escocia (um autentico Castelo) onde repousava (?) algumas vezes. Em Londres possuia um palacete em Kensington; um «apartamento» em Regent Street, onde pernoitava quando a vida citadina o obrigava a ficar no centro da cidade; uma secretaria geral, onde êle «dividia» os serviços; uma secção só para a parte material da sua produção—passagem á maquina e expedição de originaes (na qual empregava numerosas dactilografas e varios secretarios que reviam os originaes e os expediam); uma secção comercial-editorial; um escritorio só para negocios internacionais, a despesa semanal desse escritorio, em Wofolk, onde tambem estive, orçava por cento e oitenta libras e por aqui se visiona o rendimento das suas obras no estrangeiro) e um outro, proximo do Pall-Mall, só para assuntos teatraes e cinematográficos.

Se Edgar Wallace publicou 200 volumes e escreveu centenas de peças e de argumentos para films—é preciso ter em conta que a sua verdadeira actividade litteraria data do ultimo quartel da vida e que se contam por dezenas de milhares os artigos, os contos, as novelas dispersas pela imprensa de todo o mundo. Os seus principios não podiam ser mais modestos. Era um engeitado e gastou, já homem, uma fortuna, empregou o melhor da sua energia e do seu talento, «especializado em misterios», para descobrir o segredo do seu nascimento sem o conseguir. Foi recolhido por uma familia modesta; com pouco mais de onze annos fez-se marítimo, andou ao sabor das viagens do arce pelo cinco continentes. Foi militar e combateu. Litterariamente iniciou-se como poeta—sem exito. Foi a guerra dos boers que o lançou no jornalismo. De todos os reporteres que acompanhavam as operações foi ele, o unico que conseguiu dar a noticia da victoria inglesa e seguir os acontecimentos—e graças a um «truc» novelesco. «Este meu primeiro exito confidenciau-me Edgar Wallace—tem sido contado de



Edgar Wallace

varias maneiras—a verdadeira é muito diferente das varias invenções creadas. Sabia que o Estado Maior inglez exercia as maximas pressões para que certas noticias não chegassem á imprensa senão quando a ele convinha—e para o conseguir defendia-se através de todos os sistemas e contra todas as surpresas. Foi então que eu, como correspondente da guerra de varios jornais, me preparei contra essa defesa. Combinei com um amigo portuges, residente em Lourenço Marques, Manuel da Silva Machado, um codigo originalissimo. Ele havia de receber um presente meu composto de fructos, flores, etc. Cada fructo, cada flor correspondia a uma palavra. A ordem estava estabelecida por um minimo sinal—para se poder conseguir a formação da frase. Garantido por esta empresa, passei para junto do Estado Maior—que, vendo-me dentro do circulo de ferro da sua censura, não tinha a minima duvida de «falar em voz alta á minha frente». Mal se deu a victoria—pedi-lhe licença de enviar um presente a um amigo de Lourenço Marques. «Não tendê burlar-nos—preveniram-me—porque tudo será examinado minuciosamente de forma a não poder passar a minima informação. Sorri-me! As fructas, as flores foram examinadas—e, já se vê, nada encontraram. Mas mal o meu cumplice as recebeu, formou com elas o meu telegrama e expediu-me para Lon-

dres—onde a noticia da victoria chegou com antecedencia de cinco dias da noticia oficial».

Edgar Wallace gozava com o tormento da sua prodigiosa actividade. Romances, films, dramas, contos, artigos—tudo êle fazia, simultaneamente... Sirandava de casa em casa, de gabinete em gabinete, fugindo aos muitos curiosos que o buscavam. Andava sempre «ensandwichado» entre secretarios a quem ditava continuamente notas soltas, apontamentos á medida que o seu espirito ia creando trucs, efeitos, personagens, ambientes, conflitos. A noite reunia essas notas, organizava-as e ditava a outros secretarios, rezumos desse trabalho disperso. De manhã cedo—levantava-se ás 7 horas e ás 7 1/2 banha-lo, barbeado, vestido—abandonado á mesa e começava a recitar a um parlafone as suas obras, encabeçando-as pelo titulo—como é natural—mas tambem pelo enredo, um exemplo: «O Homem das 3 Caras»—romance, para o editor X, contrato 1232.» Enchia assim, com a sua voz, os cilindros do parlafone que passavam logo para a secção das dactilografas, em Wofolk e, que, como os telefonistas, exclavam nas maquinas com os ausculadores colados aos ouvidos.

Os admiradores de Edgar Wallace não perenciam apenas ás classes ingenuas e faciles de contentar quando a literatura provoca uma emoção violenta—embora através de «trucs» simplicios e antiquados. Grandes mentalidades, grandes homens, preferiram Edgar Wallace a muitos autores academicos e solenes. Loyd George, o professor Shew não deixavam sair um romance de Wallace ou representar-se uma peça sua sem que o comprassem ou a vissem. Conta-se até que durante a doença de Jorge V a Rainha suavizava as horas mais dolorosas do seu esposo, lendo-lhe obras de Wallace.

A sua actividade não era apenas limitada ao trabalho de escrever. Agitava-se vertiginosamente, em todas as direcções e sob todos os aspectos. Viajava constantemente; ia a Berlim, assistir á «premiere» dum drama seu; ia a Chicago, estudar, «sur place», o folhetim tragico de Al-Capone; e a morte foi surpreendendo-o em Hollywood quando se preparava para inundar os «studios americanos com argumentos seus. Aiem disso era êle que dirigia o seu reclame, que explorava os teatros onde se representavam as suas peças; capitalizava as empresas que produziam os seus films—e ainda ha poucos mezes se propoz ás eleições, como deputado liberal.

Disse já que Edgar Wallace era o Dumas inglés, da actualidade. Teria talvez menos espirito, mas dispunha de recursos que faltaram aquêles que muito affluu na sua obra—e na sua fortuna. Dumas morreu pobre, depois de ganhar milhões; Edgar Wallace ganhou milhões—e deixa milhões. Existe porém uma injustiça que deve angustiar, á hora da morte, todos estes escritores a quem o destino tornou «populares»: a injustiça de os considerarem incapazes de uma obra eterna, superior, intellectualmente aristocratica. Edgar Wallace não era o que muitos podiam pensar, através dos seus romances politiciaes. Um escritor que pensa e escreve «O Dominador de Almas» estava fadado a um genero de admiração muito diferente daquela que fizera. Paz á sua alma—e que aquêles que o desconhecem (Portugal é o unico país onde êle não está traduzido) que comecem por lêr... «O Dominador de Almas», e se gostarem—que não leiam mais nada. —R. X.

## Vinhos do Porto "Faisca,"

Do nosso amigo Manuel Carvalho de Matos, importante viticultor de Faveiros, Douro, recebem-se algumas garrafas do seu excelente vinho do Porto marca *Faisca*, acompanhando-o um cartão de Boas-Festas.

Extremamente agradaveis pela gentileza.



No AMBIENTE rumorejante da cervejaria «Bicker», em Loanda, o engenheiro de Minas, Samuel de Aguilera, sorriu perante a minha semi-incredulidade. Fitou por momentos o fumo do cigarro e, voltando-se para mim, inquiriu:

—Duvida? —Nao! Mas... de facto o caso é curiosissimo! Ele voltou a sorrir. Depois chamou o criado, liquidou a conta e, pegando-me pelo braço, levou-me para a rua.

Loanda dormia. Haviam batido, pouco antes, as duas horas da madrugada.

Seguimos lentamente pelas ruas desertas e, a certa altura, o meu companheiro rompeu o silencio:

—Vou contar-lhe miudamente o caso e, depois, você me dirá se ainda duvida.

Quiz falar, mas o engenheiro susteve-me um gesto e prosseguiu:

—Já há anos passou em Luanda um seu camarada dos jornais de Lisboa, a quem contei esta embrulhada. E tambem sorriu. Mas, numa carta que recebi ante-ontem, diz-me que agora, está convencido haver qualquer coisa misteriosa sobre o ouro de Lombige.

—Mas, de facto, o ouro existe?

Sem duvida. Todos os documentos officiaes o afirmam. E, de resto, o conhecimento da existencia desse ouro é antiquissimo.

Sentamo-nos no paredão que margina a baía e o engenheiro principiou:

E, com grande espanto meu, o engenheiro relatou-me a sangrenta historia do ouro do Lombige...



O Soba Mavakala que mantem torvos e misteriosos entendimentos como descendente do «frade negro»

O ouro de Lombige - Os carmelitas descalços em acção Luta na tréva

—Em 1660, nas terras do M'Bango-Aquitamba, no Golungo Alto, a missão dos carmelitas descalços iniciou umas obras para aproveitamento das águas do Lombige. Durante os trabalhos, o missionario, Francisco Lourenço de Jesus Maria, descobriu que as areias do rio eram auríferas e comunicou o caso ao superior da comunidade:—o rev. Luciano da Anunciação.

Sem nada comunicar ao Governo da Colonia, iniciaram, os carmelitas, a exploração do ouro, cujo producto revertia em seu proveito. E, assim, dentro de poucos meses, os missionarios iam regressando ao Continente com fortunas fabulosas. Daí a meses, era espantoso o

num ro de carmelitas que se ofereciam para missionar no Gabungo Alto. E isto prolongou-se até chegar a um extremo tal que, em 1705, figuravam 483 missionarios em serviço no M'Bango. A exploração prosseguia e os frades, normalmente, depois duns meses de permanencia na Colonia, regressavam á Metropole, sendo imediatamente substituidos por outros.

Prolongou-se este estado de coisas até 1754, ano em que, o governador D. Antonio Alvares da Cunha, teve conhecimento da existencia do ouro e da sua exploração pelos carmelitas, proibindo desde logo que se prosseguisse a trabalhar no aluvião montando um rigoroso serviço de vigilancia ao longo do rio. Foi dado conhecimento da ocorrência ao Governo Central e, da Metropole, houve um rápido despacho em que D. João V ordenava a exploração do ouro por conta da Fazenda Real e a applicação da pena de morte a todos os que a tentassem secretamente.

Fizeram-se as primeiras explorações com resultados admiráveis. Semanalmente, os 280 condenados que, sob a vigilância, lavavam as areias, conseguiram aglomerar bastas porções de ouro. Era uma nova fonte de riqueza para acorrer á prodigalidade e ao bizarro fausto do rei «magnanimo».

Goráram-se, porem, todas as esperanças. Desencadeou-se, nessa altura, uma luta tremenda, sem tréguas, entre o Estado e os carmelitas—luta que as conveniencias mandavam occultar e que se passou na tréva, violenta e surda.

A principio o Estado conseguiu prosseguir com a exploração. Mas, em breve prazo, se tornou necessário tomar medidas energicas para proteger os trabalhos. Os carmelitas, subtilmente, iam inculcando no espirito indigena a creença de que o Estado nada mais desejava que amentar o imposto de cubáta, e manifestáram-se os primeiros sintomas de rebelião. Entre o Governo da Colonia e a ambição despitada dos carmelitas, os indigenas não passavam de comparsas.

E a luta esboçou-se, ia tomar vulto. Iniciaram-se as correrias do gentio rebelado, registaram-se as primeiras chacinas, marcharam tropas.

De subito, os acontecimentos tomaram um aspecto inesperado.

Surgiu um novo elemento, cheio de misterio.

Uma reportagem sensacional Quem rouba o ouro de Angola?

O frade negro - As primeiras vítimas - O ouro que mata

Uma tarde, Diogo de Tovar, chefe da exploração de Lombige, foi procurado por um homem alto, envargando o traço tipico dos fazendeiros.

Era um branco, mas estava tão crestado pelo sol que, á primeira vista, confundiu-lo iam com um mestiço. Soubese depois que se tratava de Francisco Lourenço—antigo carmelita, desortor da vida conventual—e vivia nas terras do M'Bango Aquitamba havia 34 anos. Mantinha negocios bastantes suspeitos e diziam-no comerciante de escravos.

Houve uma demorada conferencia entre o eclesiastico renegado e o chefe da exploração aurífera. Altercaram, houve palavras azedas e, por fim—como Francisco Lourenço afirmasse que o ouro existente no rio era propriedade sua—Diogo de Tovar mandou expulsá-lo do acampamento.

O «frade negro» afastou-se, sorrindo. E no outro dia, Diogo de Tovar foi encontrado morto na sua barraca. Os acontecimentos então, desenvolveram-se duma maneira assombrosa. Passadas duas semanas, dos 280 homens que ali trabalhavam, restavam apenas 122! Os restantes haviam perecido.

De quê? O médico que lhes assistia limitou-se a atestar que haviam morrido de «doença ignorada»... mas que «parecia, pelos sinais, ser provocada por peçonha de feitiço»...

Tempo depois, como as mortes se sucedessem duma forma apavorante, os trabalhos cessaram. Foi enviada para o Lombige uma força de dragões, afim de impedir a exploração aurífera por quem quer que fosse, mas os soldados começaram tambem a tombar, victimados por ignoto sofrimento. Da mesma forma que Diogo de Tovar e os mineiros, caíam eles por serem sempre atacados por «doença ignorada»...

Finalmente, o ouro foi abandonado e creou-se em seu redor uma lenda tenebrosa que, ainda hoje os indigenas nos contam com visagens de terrór.

Em 1780, uma empresa constituída por holandeses lançou-se á exploração do Lombige. E a morte «por doença ignorada» surgiu, novamente, entre os mineiros. O desanimo apo-

zou-se dos dirigentes e o rio foi abandonado.

Em 1886, o comerciante Francisco Antonio Flóres resolveu, por sua vez, explorar o ouro. Este surgiu com prodigalidade. A seguir, e pouco a pouco, foi escasseando.

E, no dia 6 de Janeiro de 1887, «um homem alto e quasi negro», acompanhado por uma creança que dava pelo nome de Ralf, avistava-se com a audacioso Flóres.

Houve quem reconhecesse no estranho visitante, um filho do «frade negro»,—individuo que se dizia viver no Transval.



Residência de Ralf Swit Cardoso, na Avenida Brito Godim, em Loanda

Do que se tratou na conferência nada se conhece. O que é certo, é que, algumas semanas depois, as margens do Lombige estavam desertas. O comerciante morrera dias após a visita do enigmatico filho do «frade negro». E, os mineiros, vendo a forma alarmante como numerosos camaradas pereciam, fugiram apavorados daquêle ouro maldito.

Nunca mais se diligenciou a exploração aurífera.

Mas, todavia, alguém se aproveitava do aluvião. Surgiam areias lavadas, cascalho batido e pequenos residuos de ouro dispersos.

O Estado pôs em campo a sua policia. Nada se averiguou. E um agente que fora destacado para o Lombige, apareceu esta manhã, assassinado «a golpes de machete», na «chana» da Kiambéla.

Um inglês que propôs, em 1903, explorar o ouro, desapareceu durante uma caçada ás «pacaças», sendo depois encontrado, já cadáver, horrorosamente trucidado a «golpes de machete»...

Houve uma pausa.

O engenheiro acendeu um cigarro, e olhando-me durante um instante, observou:

—Como você vê, em redor daquêle ouro ha algo

de funesto, qualquer coisa sinistra que estrangula aquêles que se atrevem a explorá-lo ou, simplesmente, a pensar em tal empresa.

—Mas porquê? O que ha, finalmente, sob esse mistério, sob essa avalanche de mortes?

Samuel d'Aguillera esboçou um sorriso e afirmou:

—E' a parte mais curiosa e importante,—tão grave que, ainda hoje, apesar da crise pavorosa que Angola atravessa, ninguém se atreve a lançar mão do ouro do Lombige. Rubricaram-no como «não compensando as despêsas de exploração». Mas o motivo é outro. Quer você sabê-lo?

E, com voz segura, Aguilera relatou:

—Sempre, e por varias formas, a ambição estrangeira tem estendido as garras sobre Angola. Na impossibilidade de nos arrancar este territorio, tem diligenciado sonegar-nos aquilo que ela contenha de mais precioso. E é o que se está dando com o ouro do Lombige!

O «frade negro» não passava dum elemento a soldo de estrangeiros. Já em 1770 havia sido preso por tentar revoltar o gentio contra o poderio português, entregando-lhes bandeiras «duma poderosa nação do mar do Norte».

Altas influencias o salvaram da força. Depois regressou ao Matagal onde, habitualmente, vivia, junto ás margens do Lombige.

Segundo, ainda hoje, contam os indigenas daquela região o padre fazia mefeticios e «sabia matar os peixes e os bufalos com um pó branco que deitava no rio».

E não me restam duvidas que dele partiu a onda de morte que assolou as primeiras explorações do Lombige.

O miseravel morreu em Março de 1780. Deixou um filho, já homem—Ralf da Veiga Cardoso. Foi esse individuo quem, sete anos depois, visitou o comerciante Francisco Antonio Flóres.

Disso, recordam-se os indigenas velhos que «fazia feitiços e finha muita habilidade para jogar o machete».

Conclue na pagina 15



A brigada holandêza de exploração do ouro que tombou, pouco a pouco, victimada por misteriosa doença

O motivo oportuno e relevante das vezes que voltam os indigenas de Domb...



# O sr. O. PAWEL mentiu!

*Uma carta que confirma tudo quanto escrevemos sobre êste famigerado polaco*



Pawel Drowdziski

Fizemos no nosso jornal, não há muito tempo, uma campanha contra um sr. O. Pawel que inventou uns «Bonus de Capitalização», «drabice mais extra» dinária e mais complicada que o Angola e Metropole, processo com o qual burlou várias pessoas.

A mecânica do negócio já nós explicamos, e dela se lembrarão os nossos leitores pelo êxito alcançado então por essa reportagem.

Referimo-nos a uma antiga empregada da agência de negócios escuros do sr. O. Pawel, e numa carta que nos escreveu este polaco nascido em Constantioplá, que publicamos porque nunca

gamos defesa a quem nas nossas colunas é atacado, embora saibamos que o é sempre justamente, nessa carta, dizia-nos o sr. Pawel que espartilhara a máscara de D. Juan fazendo referencias desprimorosas a uma empregada que nos dera algumas informações.

Agora recebemos do pai dessa senhora, do sr. Artur Morais Gonçalves, residente na Calçada dos Barbadiños, 142, rez do chão, uma carta que confirma tudo quanto disseramos — e já sabíamos. Seguem os períodos essenciaes dessa carta:

«Aquele Sr. falta á verdade negando ter feito propostas desonestas á minha filha, e por isso confirmo em absoluto quanto veio publicado no «REPORTER X» N.º 72, com referéncia a este assunto. Por ter tido conhecimento dos seus propósitos é que tirei minha filha do seu escritorio, que por tal facto se torna pouco recomendavel a pessoas honestas.

É menos verdadeiro quando afirma não ter tido outras empregadas, pois que durante o tempo que ali esteve minha filha empregada, ia ali uma outra trabalhar a determinadas horas em correspondéncia estrangeira, e constava que anteriormente outras tinham desempenhado esse logar.

Falta á verdade quando afirma ter despedido minha filha pois que fui eu unicamente que resolvi que ela ali não voltasse mais, por ter reconhecido que aquella casa não oferecia condições de

respeitabilidade para com as suas empregadas e mais uma vez afirmo que não lhe pagou o vencimento em debito, o qual por se tratar de uma importancia relativamente pequena eu não exigi o pagamento pelo tribunal competente, além, de que isso me obrigava a uma perda de tempo, de que não posso dispôr.

Quanto ao facto de afirmar que sou padrasto de minha filha, não sei se esse cavalheiro pretende atingir a integridade moral do meu lar, ou se pretende diminuir a minha qualidade de pai, que através da sua existencia sempre tem demonstrado o máximo carinho e dedicação por seus filhos e toda a familia; como julgo desnecessário demonstrar. Se pretende atingir outra circunstancia, tomo a liberdade de enviar aqui inclusa a V. Ex.ª uma certidão de idade de minha filha, documento de que tal *sevandija* ignorava certamente a existencia.

E sobre a sua insinuação de «ingenua e inocente» que atribue á sua ex-empregada, nem sequer a discuto, *isso é próprio de miseraveis de tal especie».*

Mentiu, mais uma vez, o sr. Pawel! Mas não foi a única. O sr. O. Pawel mentiu tambem quando disse que a burla das capitalizações se devia ao Conde de Lucutate que se encontra em Espanha como funcionário da Policia Internacional. O conde de Lucutate negou-se a ser sócio do famigerado polaco por entender que o negócio era escuro de mais para lhe interessar.

Mentiu mais uma vez o sr. Pawel. Mente sempre quando quer defender-se ou explicar as suas burlas — que não têm defeza.

Foi o «524» quem ma'ou o António Gonçalves?

*Fala o sr. tenente Anibal Borba da Silva*

Do sr. Anibal Borba da Silva, tenente da G. N. R., prestando serviços em Mertola, recebemos uma carta referente ás reportagens que no nosso jornal tem sido feitas em relação ao recluso 524, da Cadeia Nacional, que se diz inocente.

São frequentes em toda a parte os erros judiciários, e não era de admirar que assim fosse. Nós, fazendo-nos desinteressadamente porta voz do seu clamor, tivemos em vista mais do que esclarecer o facto, diligenciando arrancar o inoente, se fosse essa a situação, a uma condenação injusta e degradante.

Por isso, e porque se tornava difficil controlar as afirmações do 524, fizemos sempre uma interrogação junto ás informações que pelo próprio nos foram dadas. Mas, parece, só o instinto de defeza levou o Antonio Mestre agora o 524, a affirmar-se vítima dum erro judiciário que só existe na sua mente desejada liberdade — o que é compreensivel e humano. É o que nos diz o sr. tenente Anibal Borba, que fazendo justiça ás nossas intenções nos veio dar esclarecimentos preciosos. Segue a parte da carta do referido official que ao assunto interessa:

«Por instinto de defeza talvez, o 524 relata o sucedido, mentindo de principio a fim, começando por dizer que fora preso pela G. N. R. em 3 de Outubro passado por se negar ao pagamento de uma multa de porcos. quando é certo, que somente em o deste mez fora preso, no seu proprio domicilio, unicamente por suspeitas fundamentadas, não havendo multa alguma.

Que preso e levado para o Posto da G. N. R. fora alvo de agressões, tendo chegado a ponto de o despirem para melhor o supliciarém e lhe arrancarem a confissão, o que é absolutamente falso, visto que a sua confissão, consequéncia unica do seu delicto foi quasi expontanea e cheia de promenores como cheia de promenores fóra a reconstituição do crime, alguns até então desconhecidos. Além disso a reconstituição do crime não foi feita somente por pessoal da G. N. R., mas sim na presença das autoridades administrativa e judicial locais, que podem bem testemunhar quaes as agressões de que se diz victima.

Quanto ás acusações feitas á G. N. R., não extracho nem isso me estimula, porque é habito velho dos individuos da sua especie, mas o que posso asseverar ao Reporter X sob minha palavra d'honra, é que processos desses, não são empregados por homens que sirvam sob as minhas ordens».

Fica com a publicação desta carta esclarecido o caso, mas não nos arrependemos de ter provocado estas explicações que nos dão pelo menos uma certa: — desta vez não foi cometido um erro judiciário nem a força publica exorbitou das suas funções. Antes assim,





# Como podemos adivinhar o que os nossos filhos hão-de sêr... quando forem homens



Braços em ângulo, punhos fechados, boca entre-aberta num rictus energico, olhos atentos: é infalível... Um boxeur em esboço! Carpentier, aos 5 mezes... era assim.

**A** volta dos *bébés* debatem-se, actualmente, os mais complexos problemas científicos. Os países que pretendem, de facto, melhorar a vida dos seus habitantes, aperfeiçoando a raça, gastam a maxima energia e dedicam os seus melhores medicos ao estudo da *creança*, para que, desde o berço, a



Expressão ingenuamente trocista; olhos que riem através dum leve veu de melancolia; boquita mui aberta preparando uma risada estrondosa; attitude de quem surge, d'imprevisto, por um alçapão... Não podemos duvidar sobre o seu destino: será um clown porque Wulter, Fraternali, Groc eram assim, naquela idade...

## Um médico austriaco inventou um sistema para... profetisar o destino das creanças

libertem de todos os estigmas e ameaçam que possam, no futuro, tortural-a ou desvial-a da f'elicidade e de todas as virtudes físicas, morais, intellectuais, que são o germen de ventura colectiva.

Sucede que, simultaneamente aos avanços mais benéficos, surjam frivolas descobertas, que, senão correspondem a um novo milagre científico—tão pouco prejudicam ou apoucam o trabalho dos médicos sisudos. Por exemplo o Dr. Kamur, clínico japonês residente em Londres e uma sumidade mundial em creanças—anunhou o ano passado um sistema revelador de todas as paternidades. É uma nova antropometria curiosa e excentrica, e, segundo afirma o inventor, basta analisar o sangue da creança e o do pae através um processo dos mais simples para se poder garantir se o petiz é ou não filho do individuo... que supõe se-lo—ou que o duvida... A importancia social da descoberta é insignificante. E podendo, em muitos casos, restituir a paz ás almas inquisitorias pela duvida—noutros terá resultados desastrosos e até cruéis, vindo negar a paternidade a muitos inocentes que, sem esta prova, seriam ditosas graças... a esse erro ou a essa mentira.

Ha dias, um outro médico, alvoraçou a imprensa austriaca—e mundial—propagando um estudo da sua autoria pelo qual se pôde profetisar, desde o berço, as tendências futuras dos *bébés* ou se já conhecer, desde a mais tenra idade a profissão para que estão predestinados, a vocação com que a Natureza os dotou. Apresentaram ao citado médico cinquenta retratos antigos, tirados ha 30, 50 e 60 anos, e em que os fotografados eram petizes de seis mezes a dois anos. O médico, ignorando em absoluto o destino actual dessas creanças retratadas (hoje homens) applicou o seu sistema antropometrico e só em cinco errou o diagnostico. Entre os que acertou estavam Henry Barbusse, Einstein, Gorki, Sac'a Guitry, Yuring, Comaid Vaid, Mussolini, Tardieu, etc. Entre os que errou figuram Afonso XIII (cujo diagnostico indicam que seria... bailarino); o actor cinematográfico Majuskine,—que devia dar em... Jockey, e Greta Garbo que seria uma modesta



Braços erguidos, decisão, ritmo, desenvoltura, beleza e energia—todos os indícios dum futuro ginasta, dum sportman d'alma... e corpo...

costureira—se o tal médico não se tivesse equivocado.

—Todas as creanças—assegura o inventor do novo sistema profetico—revelam, desde os três meses através das suas attitudes mais froixas das suas expressões mais simples, o destino sob o qual nasceram; e assim basta educar a nossa atenção pelo meu sistema, para surpreender e definir essa tendencia.

Será assim? Vejam os modelos que publicamos e... «ligam-nos» depois a sua opinião.



Uma gravidade precoce, altivez de expressão—uma altivez artificial e um pouco pretenciosa, algo como um dever revelando enfiado por sêr abrigada a usar dessas attitudes. Gestos lentos, estilizados, dir-se-ia que estudados ao espelho. Ou muito se engana o médico austriaco—que esta pimpolha ganhará, no futuro um prêmio de beleza ou, pelo menos, pretenderá ser uma das muitas «Rainhas»... dos seus proprios encantos. «Miss France» de 1931 e a «Miss New-York» de 1926 eram assim—umas pequenas...



## REVELAÇÕES EXTRAORDINARIAS

## QUEM PRETENDEU ENTREGAR PORTUGAL A AFONSO XIII ?

o nosso artigo sobre as pretensões de Afonso XIII em dar um rei estrangeiro a Portugal, chegando a pensar em restaurar a monarquia portuguesa para colocar no trono seu tio o Infante D. Carlos de Bourbon causou a mais viva sensação. Quasi todos os nossos colegas da imprensa diária se referiram ao facto, tendo o sr. Henrique de Paiva Couceiro antigo comandante das hostes realistas rompido o silencio a que desde ha muito se votara e vindo a imprensa fazer declarações.

Longe de negar ou emendar sequer as afirmações que aqui havíamos dito, o antigo chefe das incursões monárquicas e regente da Monarquia do Norte limitou se a dizer que com (1) não se passava nada que tivesse tido relação com pretensões do Infante D. Carlos, mas, em compensação fôra muitas vezes abordado por varias pessoas que pretendiam fazer vingar a candidatura ao presuntivo trono de Portugal, do Principe Sisto de Parma.

Tinhamos também conhecimento desta deli-



Teles de Vasconcelos, que pretendia entregar o trono português à Espanha

gencia e se a ela nos não referimos foi porque era já nossa tenção trata-la, promenorizadamente num outro artigo. Fazemo-lo hoje, visto que o sr. Paiva Couceiro apenas levantou e levemente, uma ponta do véu.

Quanto às deligências do Infante D. Carlos, garantimos absolutamente a veracidade de tudo quanto aqui relatamos. Afonso XIII pensou em fazer de seu tio o Infante D. Carlos Rei de Portugal. Desistiu, na hora em que se convenceu que lhe era impossível levar por diante o seu intento, e a conferencia misteriosa de Madrid foi um facto que pôde ser testemunhado por muitos dos emigrados portugueses então domiciliados na capital espanhola.

Mas falemos hoje das pretensões do Principe Sisto de Parma, cunhado de Afonso XIII.

### Um principe... desluteressado e amigo dos monárquicos portugueses...

Quando os monárquicos portugueses começaram a preparar as primeiras incursões pela Galiza, surgiu a certa altura, no meio d'elles o Principe Sisto de Parma.

### Um caso de traição — As pretensões de Carlos e de Sisto de Bourbon — Teles de Vasconcelos, réu de alla traição — Vários pretendentes a uma corôa que não existe

As dificuldades, aliás naturais, com que o governo espanhol procurava contrariar a acção dos emigrados portugueses obrigavam estes a aceitar todas as proteções que, aparecendo sem sentido reservado fôsem tendentes a ajudar o fim que tinham em vista: a restauração monárquica em Portugal. Na Guerra como na Guerra ..

O Rincipe Sisto de Parma pertencia ao número das pessoas d'interessadas que ajudavam os monárquicos portugueses.

As suas estadas na Galiza haviam-no lançado na consciencia dos conspiradores nossos compatriotas.

A principio o seu interesse pela restauração monárquica foi considerado natural.

Sisto de Parma era um principe e nada admirava que tivesse simpatia pelas monarquias. Depois, quanto ao caso especial da restauração do trono lusitano, era descendente do Rei D. Miguel, portanto correndo-lhe nas veias sangue bem português. A sua acção interessada a favor dos realistas compreendia-se de certo modo.

### As primeiras pretensões... Um português traidor servindo os interesses dum principe estrangeiro

Dera-se, a última tentativa monárquica. A monarquia do Norte fôra vencida e muitos monárquicos que nela haviam tomado parte refugiaram-se, de novo em Espanha.

Foi então que começou a campanha contra o sr. D. Manuel de Bragança, nos meios realistas. O ex-Rei de Portugal era acusado de não ter secundado o movimento restauracionista e de não ter vindo ao Porto posto que a sua presença, no dizer dos revolucionários encorajaria as hostes aguerridas que se reuniram sob a bandeira azul e branca.

Com igual pretexto vir-se-ia a fazer, mais tarde, a scizão integralista, no partido monárquico.

A certa altura, capitaneando os que se erguiam contra o último Rei de Portugal aparecia a figura hedionda de António Teles de Vasconcelos, o homem que fôra traidor à Patria nas horas calamitosas da Grande Guerra e que não perdoava ao filho de D. Carlos o não singrar nas águas germanofilas.

Teles de Vasconcelos afirmava, por conta própria, que D. Manuel não queria voltar a reinar. Que o seu desinteresse pela revolução do Norte fôra uma autentica traição aos seus servidores. E então clamava alto e bem que era necessário arranjar um outro rei.

Afonso XIII, como bom Bourbon que se presava aproveitou, desde logo o traidor.

As idas de Teles de Vasconcelos ao Palácio do Oriente tornaram-se successivas e dignas das maiores suspeitas.

Que espécie de ligações haveria com o homem que desde sempre tanto mal quisera a Portugal e a figura negra do traidor?

Sabia-se que Teles de Vasconcelos não trabalhara só ao serviço da Alemanha. Fôra também aliado ao serviço da Espanha. Todavia nem o conhecimento deste facto explicava as continuas conferencias no Palácio do Oriente.

A certa altura, porém, soube-se a verdade: Teles de Vasconcelos surgira no meio dos portugueses acenando a candidatura de Sisto de Parma.

Era um principe quasi português — dizia — Descendente de D.M iguel I poria termo à questão dinástica e tudo correria bem. A mais disso conta-se-lhe com a protecção valiosa, no afirmar do traidor, do Rei de Espanha, Afonso XIII.

E ainda Teles de Vasconcelos andava nestas negociações quando, da parte do Governo espanhol chegou aos portugueses uma proposta aviltante:

Na incursão da Beira, em 1911, fôra apreendida muita artilharia, quasi toda a artilharia de que os monárquicos portugueses dispunham.

Pois bem: o Governo espanhol restituiria-lhe, desde que os conspiradores se compromettessem a combater pela candidatura de Sisto de Parma; principe de sangue português e cunhado de Afonso XIII.

Os emigrados responderam da única forma que lhes era possível responder, visto que se encontravam gosando a hospitalidade da Espanha: D. Manuel de Bragança não tinha abdicado. Esse era o Rei português por quem elles se batiam.

Nem assim, porém, se desarmara a traição. Sisto de Parma insistia em ser Rei de Portugal. Pedia instantemente que lhe fossem falar a Madrid porque elle queria desmanchar más impressões ..

Avistou-se com elle, no seu Palácio de Madrid o conspirador português Aguiar.

O cunhado de Afonso XIII pôs mais uma vés a questão: não era por interesse pessoal que queria a corôa lusitana. Via, porém, que D. Manuel não queria reinar e sentia que a monarquia só seria restaurada com o auxilio da Espanha. Esse tinha-o elle.

Depois, sempre era descendente de rei português. Punha, assim, de maneira formal a sua candidatura.

Desta vés, Sisto de Parma nem resposta obteve.

Os monárquicos entenderam que semelhante proposta não devia, sequer merecer a atenção duma frase,

Paiva Couceiro, quando foi a Madrid depois de conversa do Principe com o conspirador Aguiar nem sequer lhe falou.

E ainda hoje Sisto de Parma aguarda a resposta dos monárquicos portugueses ..

Tempo depois D. Manuel de Bragança tinha conhecimento da mensagem dos integralistas. A scizão monárquica estava feita, em nome das mesmas razões que Teles de Vasconcelos erguera quando quiz pôr no presuntivo trono de Portugal um rei estrangeiro ..

E, tempo depois também, em terra portuguesa surgiam algumas revoluções e motins dos que mais ensanguentavam Portugal ..

Afonso XIII via com simpatia esses momentos. Era a sua vingança.



Paiva Couceiro que comandou as hostes realistas em Espanha





**Escândalos... financeiros** A companhia A. vai reventar... A empresa G. está falida...

A firma J. suspendeu pagamentos e tem letras protestadas... Isto, hoje, dizem os homens da finança, é o pão nosso de cada dia, e já vão longe os tempos em que os comerciantes se sentiam desonrados só porque não tinham podido honrar a sua assinatura. Hoje a crise tudo explica e tudo desculpa. Ante-ontem fechou as suas portas, sem pagar aos credores, uma firma muito conhecida em Lisboa e no Porto, e que numa destas cidades tem a sede, onde o caixa gastou o dinheiro do patrão com amáveis caras e baratas, onde o patrão jogou o dinheiro dele e o alheio, e onde tudo há muito já estava hipotecado, inclusivamente o pau de bandeira e taboleta que tinham á janela.

A culpa, de quem foi? Supõem, talvez, que foi do patrão que jogou ou do empregado que roubou? Nada disso. Foi a crise, a pobre crise que tudo paga e parece ter as costas largas. E aqui apetece fazer uma pergunta: Se não houvesse crise, a tal crise em que todos falam, como se explicava tanta crise... moral a que estamos assistindo?...

**Uma partida engraçada** Por feito, por temperamento e até por educação, nunca o Carnaval nos interessou. É uma época do ano — felizmente só tres dias — que parece o reinado dos mal-criados em que aqueles que o não são ou se escondem ou estão presos. Mas, com franquesa, uma *partida* vimos fazer este ano, verdadeira partida de Carnaval, que achamos verdadeiramente engraçada. Deante dos

nossos olhos foi colocado um cartão fingindo um cartão de visita com os seguintes dizeres:

**MANUEL ANAQUIM**

Doutor em teologia, vigário geral do Patriarcado e irmão (...) do Grande Oriente

O vigário geral do Patriarcado feito *maçon* não lembrava ao diabo... mas há certas atitudes... *A Voz* — o jornal do conselheiro Fernando de Sousa — que lhe publicou a gravura de cabeça para o ar e com a cara toda riscada lá tinha as suas razões... Mistérios da complicada política católica.

Temos que confessar — como partida de Carnaval não foi mal feita...

**A guerra!** Novamente o espectro da guerra ensombra o mundo. Lá longe d'este bocadinho de terra duas raças diferentes da nossa batem-se por uma ideia, por um princípio — ou melhor — por uma, a que se supõe a mais forte quer impôr o seu predomínio da sua industria e do seu comércio. Ouve-se novamente, passados sómente 14 anos sob a onda de loucura, de egoismo, de ferocidade, que assolou o mundo, o ribombar do trovão, contam-se já por centenas os homens de ambos os lados que para sempre cairam... e ainda a guerra não foi declarada! Entre esses mortos figura um português — dizia há dias um telegrama pela Havas distribuído aos jornais.

Não sei quem ele era, nem que vento de aventura, e que hora negra do seu destino o levou tão longe, em busca da morte. Mas bem português esse aventureiro que lá longe, distanciado da família e da Pátria por milhares de quilómetros, se bateu nem elle sabe porque... São assim os portugueses e são assim as guerras...

**Serviços do correio** O que se está passando com o nosso jornal e os correios justifica todas as reclamações que aos correios possamos fazer. Há locais onde o nosso jornal chega com oito dias de atraso e outros locais... onde nunca chega. Uma carta, há dias, levou perto de 2 meses a fazer a viagem de Barcelos a Lis-

boa. No ultimo jornal publicado foram-nos devolvidos jornais com a nota de serem desconhecidos os individuos para quem eram enviados e que depois nos vieram reclamar com a falta do jornal.

Não sabemos a que atribuir semelhante estado de coisas, que sabemos não poder ser má organização de serviços. Será, então, má vontade de qualquer funcionário? Esperamos que o sr. Director Geral dos Correios e Telégrafos, pessoa zelosa e competente, nos defenderá contra este injusto estado de coisas que só prejuizos nos trazem.

**Lenda ou realidade?** O distinto escritor Bourbon e Menezes, — distinto sem favor — que recentemente aderiu ao Partido Socialista, in lo aumentar a reduzida hoste dos intellectuais que se não amesquinham de acamaradar com os do povo, *os miseráveis, os da ralé*, como dizem os *parvenu* da porta da «Brasileira», aquário das imbecilidades como já lhe chamou um amigo mau, publicou há dias to semanário órgão do referido partido, um sueltito tentando demonstrar que a prisão do Gungunhana, que a história nos indica como um feito de heroicidade digno de ser seguido o não passa dum tremendo *bluff*. Diz o citado escritor:

«*Mousinho de Albuquerque era, incontestavelmente, um homem destemido. Provou-o na campanha de Gava. O aprisionamento do Gungunhana constituiu, porem, — diz-se e prova-se, — um bluff que o concerto tacito de muita gente não deixou até agora desfazer pela proclamação da verdade dos factos.*»

«*Essa verdade, em sintese, dit-nos isto:*

«*Que quando o Gungunhana foi capturado já o grosso das suas forças tinha abandonado o terrível reuelo, pelo que este decidira a rendição.*»

«*Mousinho, sabendo que o Gungunhana ia entregar-se, foi capturá-lo.*»

Poderá o sr. Bourbon e Menezes ter razão, e não seremos nós que lha negamos — nós que somos partidários do materialismo histórico — mas a lenda é tão linda, toda cavalheirismo e nobreza, que é preferível deixar viver a lenda embora a verdade padça — o que aliaz é frequente em assuntos históricos...

**Papelaria Camões**

Grande sortimento de objectos para — pintura, a oleo e aguarela. — Tudo o necessário de expediente para escritórios, papeis para flores, objectos de desenho, etc. —

**TIPOGRAFIA**

TODOS OS TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

42, Praça Luiz de Camões, 43

LISBOA TEL.23.062

**A ZEITE SANTA CRUZ**

O melhor para mesa  
RUA DO ALMADA, 179-1.º  
TELEFONE 4998 - PORTO

**Quereis dinheiro?**

Jogal no

*Gama*

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!



# A caçada ás Féras

**Relação dos contemplados neste segundo concurso que foi adiado por algumas semanas**

Como anunciamos no último número, encontra-se suspenso, por algumas semanas, o nosso concurso *Caçada ás Féras* que tanto éxito alcançou, suspensão esta motivada pela reorganisação dos nossos serviços gráficos.

**Resultado da «2.ª Caçada»**

ZEBRA	ÁGUIA	PEBLANO	AVESTRUZ	MOCHO
-------	-------	---------	----------	-------

**Relação dos premiados de Lisboa na 2.ª Caçada ás Féras**

1. Prémio de esc. 500\$00 — Senhas N.ºs.  
1219 1249, 1272 1504
- 2.ºs Prémios de esc. 100\$00 — Senhas N.ºs.  
1024, 1045, 1233, 1439, 1439, 1564 1698.
- 3.ºs Prémios de esc. 25\$00 — Senhas N.ºs.  
1028, 1029, 1085, 1090, 1150, 1693, 1351, 1359, 1374, 1450, 1469, 1476, 1597, 1534, 1565, 1610, 1685, 1770, 1804, 1939,
- 4.ºs Prémios de esc. 100\$00 — Senhas N.ºs.  
1002, 1005, 1006, 1010, 1012, 1013, 1015, 1016, 1021, 1037, 1059, 1067, 1068, 1070, 1072, 1084, 1086, 1087, 1088, 1099, 1100, 1110, 1111, 1113, 1115, 1117, 1119, 1122, 1125, 1128, 1131, 1132, 1136, 1144, 1145, 1147, 1149, 1152, 1155, 1159, 1165, 1168, 1173, 1181, 1190, 1192, 1201, 1214, 1227, 1228, 1236, 1252, 1254, 1258, 1259, 1265, 1273, 1289, 1294, 1302, 1311, 13 4, 1319, 1320, 1334, 1338, 1352, 1354, 1364, 1369, 1370, 1373, 1375, 1378, 1381, 1385, 1390, 1394, 1399, 1418, 14 9, 1434, 1442, 1448, 1462, 1475, 1489, 1491, 1506, 1515, 1520, 1527, 1536, 1538, 1540, 1567, 1573, 1588, 1602, 1611, 1628, 1630, 1631, 1634, 1940, 1641, 1645, 1647, 1652, 1686, 1689, 1691, 1699, 1700, 1708, 1712, 1715, 1717, 1722, 1728, 1739, 746, 1748, 1758, 1777, 1778, 1780, 1791, 1793, 1799, 1801, 1803, 1807, 1813, 1818, 1828, 1839.

**No Porto**

- 1.ºs Premios de esc. 500\$00 — Senhas N.ºs.  
148, 214, 552.
- 2.ºs Premios de esc. 100\$00 — Senhas N.ºs.  
17, 258, 279, 351, 359, 449, 455.
- 3.ºs Premios de esc. 25\$00 — Senhas N.ºs.  
8, 16, 19, 29, 61, 69, 103, 104, 146, 154, 159, 164, 167, 189, 232, 240, 248, 268, 274, 295, 322, 330, 331, 336, 364, 365, 373, 375, 407, 427, 448, 461, 476, 522, 560, 576, 636, 660, 672, 707, 719, 724, 732, 743.
- 4.ºs Premios de esc. 10\$00 — Senhas N.ºs.  
5 10 11, 22, 25, 31, 32, 34, 38, 39, 47, 60, 63, 82, 88, 89, 94, 106, 111, 113, 114, 117, 119, 120, 126, 129, 130, 141, 150, 153, 157, 160, 162, 170, 171, 173, 174, 189, 184, 186, 191, 192, 200, 204, 222, 224, 235, 237, 241, 244, 243, 254, 259, 260, 262, 264, 266, 278, 281, 283, 287, 291, 313, 316, 321, 323, 333, 354, 355, 357, 358, 361, 368, 369, 376, 377, 380, 381, 382, 387, 391, 392, 397, 411, 414, 420, 243, 452, 459, 465, 473, 477, 480, 481, 484, 488, 492, 495, 496, 497, 501, 505, 525, 528, 529, 533, 545, 546, 556, 557, 561, 566, 567, 568, 575, 587, 589, 590, 591, 594, 595, 600, 602, 606, 507, 608, 611, 613, 617, 619, 621, 624, 625, 628, 631, 637, 648, 650, 670, 671, 679, 687, 690, 691, 699, 700, 701, 702, 728, 748, 749.

**De Coimbra**

- 1.º Premio de esc. 500\$00 — Senha N.º.  
309
- 2.ºs Premios de esc. 100\$00 — Senhas N.ºs.  
15, 33, 214, 265
- 3.ºs Premios de esc. 25\$00 — Senhas N.ºs,  
2 24, 121, 133, 141, 148, 152, 176, 190, 216, 252, 258, 345, 351.
- 4.ºs Premios de esc. 10\$00 — Senha N.ºs.  
8 10 11, 14, 18, 21, 22, 31, 35, 36, 38, 41, 45, 49, 49, 77, 81, 87, 92, 100,

- 107, 125, 128, 137, 139, 143, 145, 147, 149, 151, 155, 164, 170, 172, 174, 175, 185, 188, 195, 202, 206, 207, 213, 221, 222, 233, 234, 241, 262, 263, 270, 272, 273, 282, 285, 294, 298, 307, 317, 320, 323, 332, 337, 350, 359, 361, 369, 370, 375, 384, 387, 391.

**Provincia na 1.ª caçada**

- 1.º Premio de esc. 500\$00 — Senhas N.ºs.  
1772.
- 2.º Premio de esc. 100\$00  
1252.
- 3.ºs Premios de esc. 25\$00  
2353, 1802, 1935, 1129, 1234, 1980, 1953.
- 4.ºs Premios de esc. 10\$00  
1141, 1155, 1190, 1222, 1228, 1229, 1239, 1242, 1257, 1341, 1344, 1359, 1486, 1490, 1670, 1675, 1680, 1687, 1696, 1698, 1704, 1713, 1718, 1721, 1723, 1747, 1758, 1776, 1780, 1801, 1806, 1816, 1820, 1834, 1844, 1860, 1869, 1880, 1906, 1930, 1944.

**Guedes de Oliveira**

(Conclusão da pag. 4)

meu retrato; lêra um artigo meu no «Seculo» e reconhecendo-me—quizera abordar-me. Ele, o mestre, fazia o que eu, por timidez me acovardar fazer.

Era Guedes de Oliveiras!

Jámais esqueci as palavras de encorajamento e de lisongeira critica que Guedes de Oliveira me dirigiu nessa tarde—a primeira que passei no Porto. Depois, rodaram anos. vivi no Porto, convivi com Guedes de Oliveira. Jámais deixei passar uma cronica sua sem a lêr com emoção. Sêr grande jornalista, uma vez, por acaso—não é um fenomeno para pasmar. Sêr grande jornalista durante quarenta anos, escrevendo todos os dias, abordando todos os assuntos—e não descendo nem uma só linha a intensidade de interesse, o valor de espirito, o brilho da forma—é raro e, por sêr rara se torna a mais rude prova de talento profissional.

Guedes de Oliveiras morreu. Acabo de o saber ha pouco. Não me é possível, em poucas linhas e na pressa de apañhar o jornal antes do sôrvo da maquina—dizer tudo o que sinto, e o que penso a seu respeito. Mas não posso, tão pouco, deixar de prestar-lhe a homenagem que todos nós, jornalistas novos, devemos a esse velho gigante da imprensa. Evocal'o apenas como um dos maiores cronistas da nossa época—é um pleonasmio. E por isso mesmo recordei a scena do café, ha desoito anos, quando eu era apenas um sonho do proprio sonho e êle uma gloriosa realidade.

E recordando essa scena—recordo o que Guedes de Oliveira oferecia de mais sublime: a generosidade da sua alma, a simplicidade do seu trato, a ternura que lhe mereciam todos os que entravam para o jornalismo. E' que Guedes de Oliveira não podia esquecer as illusões com que entrara nesta profissão—amaldiçoada por muitos—mas que é a mais bela amante dos que a possuem como se possuem uma mulher que se ama. —R. X.



## Vive-se hoje mais do que antigamente

(Conclusão da pagina 5)

Exemplos fuzantes, não faltam. É o *Daily Sketch*, de Londres, que evoca Paulo Rost como um fenómeno do Araso, na semelhança da vida com o Enstein. As suas existências nos mínimos detalhes, parecem duas cópias do mesmo modelo. Com uma diferença. Enstein apesar de ser um homem do século XX, começou a viver aos 28 nos, e hoje aos 58 conserva a rjeza, a vivacidade, a robustez, a juventude dos 18. Paulo Rost, aos 18 alcançava a primeira vitória científica — e morreu, velhissimo, aos 41! Nós podemos «banjar os nossos nervos, podemos «pecar amando a alegria, os prazeres, as distrações; podemos intoxicar nos com o tabaco e respirar pouco ar puro; e termos um horário desorganizado. dormim de irregularmente — e nossos avós pelo contário viviam com uma calma absoluta, nao se envenenando nunca, respirando bom ar, desprezando prazeres, preferindo os tempos aos teatros, a cama aos cafes e alimentando se melhor do que nós. Mas precisamente era esse sistema que eles julgavam são, que lhes encurtava a vida; e é do nosso sistema que os caturras apodam de nefasto que nós devemos o prolongamento das nossas existências! «Os nossos antepassados ligavam a alimentação uma importância estúpida! — afirma Dr. Cabanes! Comiam e bebiam de tal forma que arruinavam o organismo intoxicando-se e matando-se, na convicção de que, quanto mais comessem e bebêssem mais saúde tinham e mais nos viviam!»

Dizem que nós começamos a viver demasiado cedo — e esqueçemo-se de William Pitt que aos 21 anos entrava ruidosamente, na Camara dos Comuns, de Inglaterra, e que, aos 23 era ministro!

Wellington tinha 35 anos quando se celebrou; e o proprio Napoleão contava 31 anos em Marengo e orçava ap-nas 46 quando perdeu o I império em Waterloo. E com que idade morreram esses homens? Aos 40, aos 45 — o Napoleão pouco mais de 50.

O menor desgosto, era uma fatalidade cônica. Hoje uma fatalidade — suavisa-se ao cabo de poucos dias... indo ao cinema, ou dando uma volta pelas ruas. Tudo isto é muito importante... Mas temos depois a hygiene, a mecânica social que, sem nós mesmo darmos por isso — nos defende, nos auxilia, nos melhora a existencia, dando-nos a ganhar anos e anos de vida. A hygiene, os fatos, as casas, a luz — os sports; e o sobretudo a alimentação. A maioria está longe de comer como era preciso — mas já como de forma mui diversa á dos séculos passados; como e bebe muito menos — mesmo quando bebe e come de maisado. Mas, existe ainda outra razão — das mais eloquentes! A sciencia médica!

Não tenhamos illusões! As enfermidades do que hoje padece a Humanidade, não são fructos malditos da época: existiam sempre e talvez ignoradas; talvez alcunhadas com outros nomes, mal comprehendidos, mal contados — mas existiam. Com uma differença: que eram mais frequentes porque se desconhecía a formula de nos defender-mos delas; porque se comia o que não se devia; porque não se tratava dos doentes; porque não se dispunha dos recursos de hoje. No Egipto, dizem os historiadores, a mortalidade infantil attingiu proporções assustadoras. A causa? A sífilis! A manifestação? A meningite sístifica. (As creanças, entre os 3 mezes e os 2 anos eram atacadas por uma maldição deixada pelos judeus morrendo com os olhos tortos e estrebuchando com horribes dores de cabeça) — conta um viajante grego). Como as tratavam? Oferecendo cordões aos deuses! Hoje em dia a appendicite tem menos gravidade do que um abscesso á cinco séculos — porque o abscesso degenerava quasi sempre numa infecção focal em consequencia do... tratamento e a appendicite opera se hoje tormente o operado e o operador em anestesias... «Thermus» (uma pírida na Espanha que insensibilisa o doente no local em que vai ser operado sem lhe adormecer o cerebro...) As epidemias, repetiam-se alastravam-se e esterovavam-se. Hoje ao menor sarnão — a epidemia muralha o foro. A lepra, que cheirava aos reis (Afonso II, por exemplo), propagava-se por tal forma que só na Galiza existiam em 1312, 20 galarias num total de 2 (60) prãos ou seja 5 por cento da população. Hoje, em Portugal, não existem 0,02 % de gafados.

## O que é em Portugal o grande negocio do Football

(Conclusão da pagina 6)

Ligado diplomaticamente ao mundo da bola, principiam as conversações noutra especie de S. D. N., e as passeatas a Espanha, a França, á Belgica, ao Brasil, á Italia, e dentro do pais os delegados das varias associações distritaes andam num verdadeiro corripio a caminho de Lisboa para as reuniões da Federação, correndo as despesas, é claro, por conta dos organismos e com as receitas que a bola dá. O amadorismo do nosso «football» tem este desinteresse...

### Como se vive da bola

Os «azes» de «football» passaram então a ser disputados como as mulheres lindas e prendadas. Não perderam a sua qualidade de amadores por essas formas híbridas e «camouflagens» para lhe conservar a categoria. O jogador pode viver da bola desde que se intitule treinador de um grupo. Quando se deslocam de uma para outra terra os proprios socios dos clubs cotizam-se entre si e pagam-lhe os ordenados. No Sport Lisboa e Benfica ha «Os Aguias» para esse fim; no Sporting Club de Portugal existem os Leões, um núcleo de socios que se subscreev com importancias mensais superiores a 50 escudos para esse efeito. Mercê dessa circumstancia ha muitos jogadores que abandonaram as profissões e vivem hoje exclusivamente da bola, embora sejam amadores.

Alguns exemplos: Alberto Augusto é um rapaz que ha anos deu que fazer no lugar de avançado centro. A sua competencia para a bola estava na razão directa da sua negação para o trabalho. Dar «schoots» sempre era menos arriscado e mais proveitoso do que puxar pela ferramenta. E esteve no Algarve como treinador, foi para Braga e agora está num club do Porto. E já lá vão alguns anos que ele vive deste negocio da bola.

Em Oirão foi ha tempos descoberto um medio esquerdo notavel. Selecionam-o para uma «equipe» nacional e o rapaz nunca mais fez tamancos, profissão que lhe deu o sobriquet de «Tamanqueiro». Esteve na capital algum tempo alinhando pelo «Sport Lisboa e Benfica», mas não consta que se dedicasse aos tamancos. Compraram-lhe um automovel e aqui governou a vida até que regressou ao Algarve, inimigo fidalga da sua primitiva profissão.

Anibal José é um rapaz que faz constantes viagens de Setubal para Lisboa. Tão depressa joga no Vitoria como alinha no Benfica. Quem melhores condições oferecer mais amigo é. Trabalhar por uma profissão não é com este rapaz.

Carlos Alves é considerado ha muito tempo o melhor defesa direito, e tambem um destes rapazes que tem uma aversão de morte ao trabalho. Foi pintor de carruagens antes de conseguir a aureola de jogador afamado. Nos campos ainda usa umas luvas pretas diz ele para não se ferir. Mas ha muito tempo que não trabalha pela profissão. Está actualmente num dos clubs do Porto com um ordenado muito razoavel. Este é de todos o mais completo amador.

### As embairadas dos nossos «footballers»

Lisboa enviou a sua «equipe» a Paris para um encontro inter cidades. Os jogadores saíam daqui com todas as despesas de viagem e hospedagem pagas pela associação de Lisboa e os respectivos honorários, correspondentes aos salários ou ordenados que recebessem no exercicio da sua profissão, que alguns tinham já donado.

A viagem fez-se sem incidentes. Minutos antes de principiar o desafio e perante uma casa cheia, os jogadores declararam-se em greve: ou nos dão a importância de X ou não vamos para o campo. E ganharam a greve estes amadores...

## Quem rouba o ouro de Angola?

(Conclusão da pagina 9)

E é curioso registrar-se que, perto do agente da policia encontrado morto no Lombige e perto do infartunado inglês, foram encontrados «machêtes» de pau-ferro, iguais aquêles com que o filho do «frade-negro» costumava demonstrar a sua pericia.

—Existe o intento de impedir a exploração do ouro?

—«O frade negro» tentára, por várias vezes, adquirir os terrenos das duas margens do Lombige.

Nunca lhe foram concedidos. E legou ao filho a sua áncia de ouro.

Os indígenas prestaram-se, na sua ignorancia e facilidade de rebelião, a promover uma barbara guerra a todos os elementos do Estado. E, Veiga Cardoso, cumprindo a torva herança, continuava a tenebrosa obra do pai.

Só em 1919, a coluna do valoroso capitão Ribeiro de Almeida conseguiu dominar a revolta e barbara região. E, nos interrogatórios dos prisioneiros, afirmou-se que, um «boer» e um negro rodésiao, eram os orientadores dessa guerra latente entre os Dembos e o Governo.

Segundo Declarações do soba, Gamba-Anâmbua, o «boer» era neto de Veiga Cardoso, isto é, bisneto do «frade negro». Chamava-se Ralf Swit Cardoso.

Conseguiu fugir á perseguição feróz que lhe fizeram. Constou que regressou ao Transvaal. Porém, em 1930...

Aqui Samuel de Aguilera susteve-se e perguntou:

—Quer Você vir daí até á Avenida Brito Godins?

Accdi. Atravessamos, lentamente e em silencio, a cidade e, ao meio da Avenida, o engenheiro estacou e apontou-me uma pequena taboleta de metal que rebrihava sobre a porta duma casa apalaçada:

—Vejá!

Li com espanto:

Ralf Swit Cardoso

Minas e Gaminhos de Ferro

(Continua no proximo numero)

O Vitoria, de Setubal, com alguns jogadores de Lisboa, entre eles Carlos Alves, foi contratado para ir jogar alguns desafios ao Brasil. Foi lá sim, mas pagou a peso de ouro. Os jogadores desde a indumentaria até aos ordenados e gratificações ganharam como se fossem os melhores artistas. Alguns deles, os que não perderam o dinheiro no jogo, regressaram com alguns contos de reis. São todos amadores...

Os dirigentes, salvam as excepções, aliás bem poucas, têm outro processo de si governarem com a bola: as despesas de representação, de deslocação, etc., etc. Os balancetes da Federação são bem claros a esses respeito. Qualquer verba cabe na rubrica de representação ou deslocação e depois os conselhos fiscaes e as assembleias não negam o «voto». A deslocação constante dos delegados das associações da provincia aos corpos directivos da Federação custa uma continha calada.

Ha um cavalheiro, que é um santo varão e se chama Santes Barão, chefe da secretaria da Associação de Football de Lisboa que á sombra da bola e do nosso amadorismo se têm governado lindamente, tendo hoje um pecúlio muito razoavel. E olhem que tudo quanto tem feito é dentro da lei e do convencionalismo das assembleias da bola. Por esse motivo é tão honrado como os amadores de «football» que recebem mais do que os profissionais.

O escandaloso «football» entre nós, pais do amadorismo, é maior do que no estrangeiro e mais descarado porque se envolve de uma revoltante mascara.



# DePURATOL

SOBERANO  
REMEDIO DA  
**SIFILIS**



PORTUGAL  
Medio n.º 40  
Calhariz (Lisboa)  
N.º 29641  
**R**

TUBO  
**10\$00**

Aprovado  
no estrangeiro  
por Juntas de Saude  
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta  
nem resguardo**